

AS MEDIAÇÕES NA TRAJETÓRIA DE VIDA DOS AGRICULTORES DO TABACO NO RIO GRANDE DO SUL

Carlise Schneider Rudnicki¹
Yhevelin Serrano Guerin²

RESUMO

Este trabalho propõe uma linha metodológica para o projeto “A trajetória de vida dos agricultores no processo de diversificação produtiva do tabaco na Região Sul do Rio Grande do Sul”. O trabalho pretende entender de que forma os agricultores buscam informação ou a adquirem e como se reapropriam dela. Assim, o trabalho seguiu a linha dos estudos culturais, tendo como pano de fundo o principal conceito dos Estudos de Recepção: as “mediações”, propostas por Jesús Martín-Barbero. A proposta metodológica foi trabalhar com a técnica qualitativa de história de vida em duas famílias de agricultores. Ao estudar a trajetória dos entrevistados foi possível perceber os fatores que mais influenciaram suas vidas e dificultaram ou facilitaram mudanças mais profundas, mostrando as mediações existentes que perpassam o cotidiano destes sujeitos.

Palavras-chave: comunicação, mediações, tabaco.

MEDIATIONS ON THE PATH OF LIFE OF TOBACCO FARMERS IN RIO GRANDE DO SUL

ABSTRACT

This paper proposes a methodological approach for the project "The way of life farmers in the process of diversification of production of tobacco in southern Rio Grande do Sul. This work aims to understand how farmers seek information or to purchase and how to reappropriate it. Thus, the work followed the line of cultural studies, with the backdrop of the main concept of Reception Studies: the "mediation" proposed by Jesus Martin-Barbero. The proposed methodology has been working with the qualitative technique of life history in two farming families. By studying the trajectory of the respondents could understand the factors that most influenced their lives and hindered or facilitated deeper changes, showing the existing mediations that pervade the daily lives of these subjects.

Key words: communication, mediations, tobacco.

¹ Pós Doutoranda em Comunicação e Informação – PPGCOM/UFRGS. Relações Públicas, Mestre e Doutora em Desenvolvimento Rural (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil, E-mail: carlise.schneider@ufrgs.br

² Professora no Departamento de Comunicação Social/UNISC – Santa Cruz do Sul/RS. Publicitária, Mestre em Comunicação e Informação (PPGCOM/UFRGS), Doutoranda em Desenvolvimento Regional (UNISC), Santa Cruz, RS, Brasil, E-mail: yhevelin@gmail.com.

1. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

Este artigo se insere no esforço brasileiro em relação ao Programa de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco: experiências em curso, coordenado por Adriana Gregolin (DATER/SAF-MDA), que é uma iniciativa do Brasil para implementar os Artigos 17 (Apoio a atividades alternativas economicamente viáveis) e 18 (Proteção ao meio ambiente) da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco. O projeto principal tem como objetivo geral a identificação de alternativas sustentáveis de diversificação da produção em áreas de cultivo de tabaco na Zona Sul do Rio Grande do Sul, estando inserida nas proposições da nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) e das ações a respeito das práticas de diversificação produtiva nas áreas de cultivo de tabaco.

O tabaco é uma cultura agrícola não-alimentícia que rege a economia de mais de 150 países. A cadeia produtiva deste cultivo abrange, no mundo, 2,4 milhões de pessoas. Segundo dados do Sindicato da Indústria do Fumo (RUDNICKI, 2012), existem cerca de trinta e cinco (35) indústrias de tabaco no Brasil, 16 delas associadas à entidade. As principais empresas de cigarros que operam no país são a Souza Cruz, subsidiária da British American Tobacco, com uma fatia de aproximadamente 75% do mercado e a Philip Morris do Brasil, integrante do grupo Philip Morris International, com cerca de 15% do mercado.

No Brasil, o fumo é responsável por uma movimentação econômica nos três estados da região Sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Juntos, os três estados somam aproximadamente 370 mil hectares plantados, sendo 200 mil responsáveis pelo seu cultivo. Segundo Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA, 2011), o complexo fumageiro envolve 925 mil pessoas, na lavoura e na indústria, sendo que seu cultivo permeia as dinâmicas socioculturais, ambientais e econômicas da região, estruturando o cotidiano e o projeto de vida dos agentes. Neste cenário de dependência do produto, os habitantes da região têm nesta cultura a base de sua estruturação econômica e sociocultural. Além dos pequenos e médios produtores rurais da região serem economicamente dependentes desta cultura, o fumo é também fonte de renda das camadas mais carentes da região, empregadas pela agroindústria nas épocas de safra.

Na cidade gaúcha de Santa Cruz do Sul, considerada a “Capital Nacional do Fumo” vem acontecendo negociações e sendo assinados protocolos que visam à criação e implantação de políticas que buscam diminuir a plantação e oferecer alternativas para os agricultores. A cidade se localiza no Vale do Rio Pardo, região que é economicamente dependente do tabaco e os habitantes possuem nessa cultura a base de sua estrutura socioeconômica e cultural há pelo menos 100 anos. Santa Cruz do Sul, por exemplo, desde sua origem cultivou o fumo, tanto que já em 1846 realizava exportação desse produto (COSTA, 2007).

Para entender essa relação tão próxima entre os agricultores e as indústrias de tabaco, remete-se a 1918, anos em que a Souza Cruz implantou um novo modelo de plantio denominado “Sistema de Produção Integrada (SPI)”. Com o tempo, as empresas passaram a fornecer para os agricultores familiares as sementes, agrotóxicos e instruir sobre o que e como plantar, garantindo, inclusive, a compra da safra. Tal sistema de produção (também adotado na criação de aves e suínos) correspondia a um controle sobre a produção do fumo que se iniciava no plantio e se estendia até a entrega do produto. Esse processo, inclusive, vem sendo divulgado na região como uma estratégia interessante para ambas as partes, agricultor e empresa, como pode ser conferido em matérias veiculadas na região:

Entretanto, esse sistema, que predomina até os dias de hoje, vem sendo alvo de um processo guiado pelo Ministério Público (MP), desde 2007, já que de certa

forma condiciona o agricultor à uma dependência perante a empresa. Essa relação parte de um universo simbólico legitimado pela indústria do fumo que com a atuação de um “mediador” técnico, - chamado de instrutor agrícola – e auxiliada pelos meios de comunicação dirigida acompanham o plantio junto aos agricultores.

A dependência decorre do fato de que a produção intensiva de fumo demanda elevada mobilização de recursos para produção (insumos, sementes, adubos e defensivos), fornecidos pelas empresas que compram as folhas de tabaco num sistema conhecido como “produção integrada”. Uma vez “integrado” à empresa compradora, o agricultor fica comprometido a entregar-lhe a produção mediante contratos. A situação de dependência se assevera na proporção do grau de assimetria existente entre as partes, o que ocorre através do acesso limitado a informação sobre preços de venda e custos dos insumos a serem descontados do produtor, assim como pelas distorções nos potenciais mercados compradores, que em geral são formados por uma única empresa.

Então, pode-se dizer que desde o início as unidades de produção familiares são compostas de pequenos proprietários, sendo que os produtores, desde seus primórdios, estiveram ligados ao mercado capitalista através do circuito do fumo. Nesse sentido, a relação entre a empresa e o produtor passa de geração para geração e permeia a vida social dos agricultores. Para os jovens, filhos de fumicultores, o fumo é um dos poucos patrimônios herdados. Para eles, trata-se de “um mal necessário” porque com toda uma nova reestruturação sobre as condições do Tabaco no Brasil e no mundo, um novo quadro se apresenta a partir das novas demandas da área de saúde estabelecidas pela Convenção-Quadro de Controle ao Tabaco.

A partir dessa nova realidade, este trabalho propõe uma linha metodológica para o projeto “O Papel da Extensão Rural e a Construção de Estratégias de Diversificação para Agricultura Familiar em Áreas de Cultivo de Tabaco no Sul do Brasil”, que se insere no esforço brasileiro em relação ao Programa de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco: experiências em curso (DATER/SAF-MDA), uma iniciativa do Brasil para implementar os Artigos 17 (“Apoio a atividades alternativas economicamente viáveis”) e 18 (“Proteção ao meio ambiente”) da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco. O projeto principal tem como objetivo geral a identificação de alternativas sustentáveis de diversificação da produção em áreas de cultivo de tabaco na zona sul do Rio Grande do Sul, estando inserida nas proposições da nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) e das ações a respeito das práticas de diversificação produtiva nas áreas de cultivo de tabaco.

Entretanto, acredita-se que antes de propor alternativas de extensão rural e diversificação, é necessário entender e verificar as relações existentes entre a indústria do tabaco no Sul do Brasil e os agricultores, tendo em vista os processos de comunicação e cultura que vem sendo construídos ao longo do tempo. Acredita-se que, antes de implantar projetos de extensão, é necessário primeiro entender a comunidade, os bloqueios de informação, as limitações econômicas, sociais e culturais dos agricultores.

A partir dessa premissa, a proposta pretendeu entender de que forma os agricultores buscam informação ou a adquirem e como se reapropriam dela. A cidade em questão foi colonizada por Poloneses entre 1890 e 1891, que se instalaram na então Colônia de São Feliciano, que havia sido criada em 1861. Segundo dados do Censo 2010 do IBGE, o município tem 14.380 habitantes, destes, 7.398 homens (51,45%) e 6.982 mulheres (48,55%). A população urbana é de 3.334 pessoas (23,18%), enquanto que a rural é de 11.046 pessoas (76,82%). A escolha do local de estudo se deu em função, principalmente, das contradições que existem na região, tendo em vista que a plantação do tabaco representa o cultivo principal. Para termos

uma dimensão maior da situação e que se torna um sério agravante é o fato de que apesar de 86% da renda agrícola venham do tabaco, cerca de 1000 fumicultores vivem em pobreza absoluta.

Como hipótese, tem-se que esta condição se dá, principalmente, devido às dificuldades dos produtores rurais em diversificar as propriedades e, possivelmente, devido à falta de motivação em acessar e buscar a informação. Outro fator que contribui para a atual condição dos produtores de tabaco está relacionado ao endividamento com as empresas e programas do Governo, como o PRONAF. Nesse sentido, ao se realizar o estudo da trajetória dos agricultores, se pôde perceber as questões que fazem com que haja maior facilidade ou dificuldade para a diversificação. Vale salientar ainda, que o trabalho em questão não delimitou culpados. O intuito foi o de perceber de que forma as relações se constroem nesse campo e pensar em alternativas adequadas para melhorar a qualidade de vida dos produtores de tabaco, já que se sabe que um dos maiores problemas nas zonas rurais brasileira, onde seus habitantes vivem em situação de indigência, é o déficit cultural/simbólico que acaba constituindo um fator de minoridade, dependência heteronômica na construção da consciência e visão de mundo (ROCHA, 2009). É em função dessa condição que o estudo das mediações pode ser pensada como uma forma de aproximação e maneira pela qual a extensão rural pode promover mudanças benéficas na vida desses agricultores.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA: ENTENDENDO AS MEDIAÇÕES

No momento em que o objetivo geral do projeto foi o de investigar as alternativas existentes e possíveis em termos de diversificação econômica, social e ambiental, identificando e propondo alternativas sustentáveis de diversificação econômica e produtiva na agricultura familiar desse território rural, a metodologia (estudo das mediações e histórias de vida) resgatou os principais mediadores que se estabeleceram na vida das pessoas em estudo e facilitou o entendimento de como a informação foi adquirida e como estabeleceram suas práticas e escolhas cotidianas.

Destaca-se que desde seu nascimento, o ser humano, através de línguas, de máquinas, de sistemas de representação e de ideias, entra em contato com fatores que irão estruturar e “construir” sua experiência, sendo que “a cada etapa de nossa trajetória social, a coletividade nos fornece línguas, sistemas de classificação, conceitos, analogias, metáforas, imagens, evitando que tenhamos que inventá-las” (LEVY, 1993, p. 142). Assim, o indivíduo não está inserido só no meio familiar: entram em cena outros grupos sociais com o qual ele se relaciona ao longo de sua vida e a oferta cultural, social e econômica também pode fazer com que o indivíduo adquira novos hábitos, tão fortes quanto os relacionados com a criação familiar (SILVERSTONE, 1994, p. 64). Mas como identificar esses fatores que fazem com que atitudes e opiniões se formem? Como compreender o processo de escolha do agricultor e sua visão sobre o processo de diversificação?

Para conseguir entender esse público, a proposta, como já citado, seguiu a linha dos estudos culturais, tendo como pano de fundo o principal conceito dos Estudos de Recepção: as mediações, que seriam as influências e intervenções que vão formando o sujeito social, propostas por Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco.

Martín-Barbero destaca que a socialização não se dá apenas em função da família ou escola, pois a função mediadora é também atribuída aos meios de comunicação. Assim,

“la organización social puede ser entendida a partir de las relaciones de información-comunicación, tanto em su composición, como em su devenir. En La medida que los actores sociales em tanto práctica y conciencia se ubican en el mundo a partir de La información que reciben de él, actuan en el mundo a partir de las redes de interación em las cuales se integran y em las cuales son socializados, aculturados. Em esa medida se entiende que la información y las redes de comunicación son elementales para la composición social y por lo tanto se requiere su estudio” (GALINDO CÁCERES, 1987, p. 137).

Em função disso que também se faz importante identificar como, onde e de que forma os produtores de tabaco adquirem informação sobre os aspectos ligados a cultura do tabaco, pois a consciência é um elemento básico para a reprodução social e a circulação de informação é a composição dessa consciência (GALINDO CÁCERES, 1987)

Para explicar melhor as mediações, de maneira ampla, o conceito poderiam ser definido como as “[...] articulaciones entre prácticas de comunicación y movimientos sociales, las diferentes temporalidades y la pluralidade de matrices culturales” (MARTIN-BARBERO, 1993, p.224).

Mesmo assim, o que se pode considerar por mediações — a partir do livro “De los medios a las mediaciones”— são todos aqueles fatores e dispositivos que permeiam um processo, sejam eles políticos, sociais ou culturais, e que foram sendo construídos com a própria evolução desses mesmos processos. São elementos e fatos que ficam “entre acontecimentos” e que, muitas vezes, se juntam a estes, modificando a configuração dos significados. Ao considerar isso, o autor propõe, no final do livro, três grupos de mediações considerados os principais para captar as referências culturais e suas concretizações: a “cotidianidade familiar”, a “temporalidade social” e a “competência cultural”.

A primeira, como o próprio nome sugere, dá ênfase à família porque ela representa para a maioria das pessoas a “situação primordial de reconhecimento” e a partir da reconstrução da cotidianidade familiar se pode explicar muito de nossas escolhas. A temporalidade social se basearia nas mudanças ocorridas nas condições de produção e remetem a uma transformação dos modos de percepção e experiências sociais, culturais e econômicas vividas pelos sujeitos. Assim, é através do estudo da trajetória desses produtores de tabaco, que poderíamos identificar como esse encontro (tabaco, informação, cultura, entre outros) se estabelece. Por último, tempos a competência cultural e a forma como as diferenças sociais irão atravessá-la. A educação formal, as etnias, a classe social, as culturas regionais, os dialetos locais, a região, configuram as modalidades de competências. Essas vivem da memória – narrativa, gestual, auditiva – e também dos imaginários que “atuam” e “alimentam” o sujeito social. O acesso a esses modos passa por uma aprendizagem da percepção, que permite explicitar e confrontar as diversas modalidades e competências por ela ativada, bem como pelos relatos das experiências destas aprendizagens. Possivelmente essa mediação, junto com a familiar, pode ser a mais significativa para explicar as práticas adquiridas atualmente pelos produtores de tabaco e escolhas passadas. Por isso, no presente trabalho, O intuito foi o de entender as escolhas dos produtores de tabaco, verificar como se processa a informação (relacionadas ao cultivo do tabaco) entre eles e identificar as mediações envolvidas no processo.

É inevitável perceber, quando se analisa o comportamento do ser humano, que ele não se baseia unicamente em fatores individuais, uma vez que o indivíduo está em permanente contato com outras pessoas e também com diversos meios de informação. Desta forma, apoiando-se nessa premissa, pode-se dizer que o processo

de formação das práticas culturais e sociais de um indivíduo também pode dar-se de acordo com o contexto social no qual vive e com os grupos com os quais se relaciona. É claro que dentro desta questão, e fortemente, entram fatores econômicos fortes, mas para conseguir entender as mediações inseridas no processo de escolhas dos produtores de tabaco relacionadas a diversificação rural, se faz necessário estudar a sua história de vida e perceber os motivos que fazem com que aceitem a novas práticas ou entender as principais reticências em relação ao processo.

Com o auxílio das histórias de vida, resgatadas com a realização de entrevistas em profundidade, a memória dos entrevistados veio à tona e contribuiu para analisar sua vida e escolhas na agricultura, fornecendo, assim, argumentos, dados, informações que explicaram muitas reações, relacionadas, inclusive com a aceitação ou não da diversificação.

A memória é uma forma de “encontrar” o passado e de repetir atitudes e sentimentos dos quais raramente as pessoas se dão conta que podem influenciar no presente. Através dela, da memória, se realiza a construção e reconstrução da identidade do sujeito ao longo de sua vida. Além do mais, entrando novamente na questão do coletivo, a memória do indivíduo “depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p.54).

Assim, a História de Vida, além de explorar a memória e captar a experiência dos atores, tem mais um fator importante, que é a “percepção do tempo social” (GALINDO CÁCERES, 1995). Isto significa que o estudo não se limita somente ao passado, uma vez que

“la historia no es algo que haya sucedido más o menos tiempo, sino una realidad presente que se sigue alimentando cotidianamente y que se dispersa en el tiempo preparando lo que aún no sabemos que vá a ocurrir: la historia de hoy se teje para el futuro que viene” (MARINAS; SANTAMARINA, 1993, p.10).

De maneira geral, essa percepção do tempo social poderia ser definida como lembranças do passado, vivências do presente e visões do futuro, mesmo que a oralidade do entrevistado, em um primeiro momento, esteja associada à memória. Esta última, por sua vez, segundo FERREIRA, pode ser uma construção do passado, “[...] mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 1994, p. 8).

A despeito das diferentes definições que têm merecido no espaço de discussão, a História de Vida é vista sempre como um relato de um narrador que tem servido a diferentes interesses (MALDI, 1994). Seria, por sua vez, uma narrativa sobre a existência de um indivíduo através do tempo, que conta livremente sua vida. Ele tenta reconstruir os acontecimentos que vivencia e transmitir a experiência que adquire, imprimindo ao relato suas próprias categorias. Consequentemente, o próprio entrevistado seleciona o que quer relatar. A História de Vida também é a construção que o informante faz da vida que levava e as fórmulas que utiliza para definir o que lhe acontece (DEBERT, 1984).

Segundo Jacques Marré,

“A subjetividade não é um entrave quando suficientemente desvendada, isto é, quando os hieróglifos do seu conteúdo são decifrados. Ela pode conduzir-nos a temas que são comuns a

vários, as experiências vividas de um modo semelhante” (MARRÉ, 1991, p. 99).

As Histórias de Vida, mesmo sendo relatos subjetivos, revelam valores comuns, mostram a experiência vivida por uma pessoa ou um grupo. Trazem à tona determinados fatos, instantes e momentos que são cruciais e construtivos em um certo período histórico ou determinada sociedade, sendo importantes para a realização de uma trajetória e entendimento do presente. Para Queiroz (1988) é também através das Histórias de Vida que se atinge a coletividade, pois o informante é um representante dela. Assim, um pesquisador ao utilizar essa técnica busca “atingir a coletividade de que seu informante faz parte, e o encara, pois, como mero representante da mesma através da qual se revelam os traços desta” (1988, p.24). A História de Vida, na medida em que utiliza a experiência do ator de maneira longitudinal, tenta encontrar padrões universais de relações humanas e percepções individuais.

Segundo Cáceres (1997), a técnica contempla três etapas na perspectiva metodológica: a primeira etapa é a “exploratória”. Nela existe um trabalho prévio, ou seja, foram as primeiras entrevistas realizadas para conhecer o entrevistado. A segunda, “descritiva”, na qual tanto o pesquisador quanto os entrevistados analisam as falas, as situações passadas e presentes, aprofundando ainda mais o assunto desejado, ou melhor, o tema da pesquisa. Nesta fase, o pesquisador realiza anotações sobre assuntos que tinham que ser abordados nas entrevistas seguintes. A última etapa, o da “significação”, é onde o material coletado começa a ter um significado, fazendo com que as respostas aos problemas da pesquisa apareçam. Nela, a construção das mediações começa a se configurar e a mostrar indicativos de como os produtores de tabaco fazem as suas escolhas.

3. A HISTÓRIA DE VIDA DOS PRODUTORES DE TABACO

Dentre as cinco famílias analisadas pelo projeto, cujas entrevistas iniciaram em maio de 2011, optou-se apresentar duas que exprimem diferentes situações dos agricultores em estudo: a primeira família, diversificada, e participante de projetos do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), aqui denominada neste trabalho como “família diversificada”; e a segunda, que se encontra em situação de vulnerabilidade, não diversificada e dependente 100% da renda oriunda da produção de tabaco, chamada “família não diversificada”. A identidade dos informantes foi preservada e, portanto, o nome dos integrantes das famílias são fictícios.

Na primeira família, diversificada há 8 anos, o casal tem dois filhos. A filha (6 anos) iniciou a vida escolar em 2012 e o filho (18 anos) finalizará o ensino médio em 2012. Carlos tem 43 anos e sua esposa, Clara, 40 anos, professora na rede municipal. Para o entrevistado o trabalho da esposa foi um elemento chave para a diversificação, pois, a partir desta “segurança” ele pode assumir o risco da mudança de cultivo. Diferente do segundo caso estudado, sua família sempre teve o hábito de buscar informação em variados meios, como jornal, revista e rádio e, conforme o entrevistado, sempre tiveram muita “curiosidade”. Esta característica acompanha, até hoje, o produtor, que hoje não planta mais tabaco: “Eu plantava meu fumo, mas sempre tinha minha horta, pegava um jornal, uma foto, já lia. Se tinha uma beterraba, uma cenoura, queria saber como se produzia. Queria saber, saber. E até hoje eu continuo”, ressalta Carlos.

Hoje, em relação à assistência técnica, Carlos assume questionar sempre, seja em relação ao pepino, ou tomate, sendo sua produção atual de hortifrúti granjeiro: “quando ele vem na propriedade a gente tenta tirar o máximo dele: “Daí eu

fico cobrando dele e ele diz 'olha, tem coisa mais barata pra gente usar, variedades diferentes, a tecnologia tá sempre surgindo alguma coisa e a gente fica cobrando deles", revela Carlos. O entrevistado segue relatando que quando pequeno a família ouvia muito rádio e que seria importante ser criado um programa técnico, com a Emater, por exemplo, um "programa agrícola", "Porque as vezes o produtor não sabia em que época devia largar uma semente. Daí largava uma semente de verão no inverno e ela não se dá. Tem que saber o que é de inverno e de verão (Carlos).

Conforme Carlos, quando eles iniciaram as atividades, momento em que abandonaram o plantio do tabaco e iniciaram a produção de verduras, muita insegurança havia, principalmente em relação ao mercado (venda do produto). A transição não foi algo fácil para a família. Foram diversos os fatores que incentivaram esta mudança: a curiosidade, a segurança de uma renda fora da propriedade, o grau de organização da família e, finalmente, os programas que o MDA implantou em parceria com a prefeitura do município.

A segunda família é composta por 5 pessoas: pai (40 anos), mãe (38 anos), filha (19 anos), três filhos (3, 9 e 15 anos), sendo dois filhos apresentam problemas de fala infantil (3 anos) e neurológicos (15 anos). A filha casou-se aos 15 anos, com um produtor de tabaco (26 anos) e os dois filhos residem com os pais em uma casa humilde na zona rural de Dom Feliciano, há 20 km do centro da cidade. Na propriedade há uma pequena horta e alguns animais, como porcos e galinhas voltados à subsistência da família. Os familiares de ambos, Ana e José cultivavam tabaco, sendo que a mãe de Ana, que apresentava depressão, suicidou-se, aos cinquenta anos.

A família é integrada à empresa: "Nós compramos um pouco da firma pra fazer o cadastro. Vai comprando o que precisa. Veneno mesmo nós compramos muito pouco, agora no fumo", afirma Ana. Conforme a família a vida é muito melhor hoje, em comparação com a vida de seus pais, no que se refere ao plantio, pois agora existe o "picareta", ou seja, é possível vender não apenas para a empresa, mas, quando necessário, recorrer ao atravessador que, em regra, compra em épocas de não safra.

Outra questão importante se refere às relações sociais. Os membros da família afirmam não ter mais tempo para conversar, sair, visitar amigos e parentes. Entretanto, a trajetória da família é marcada por tentativas de mudanças, tendo, inclusive, vendido a propriedade herdada por Ana, momento em que mudaram para região metropolitana de Porto Alegre. Entretanto, a família não se adaptou à cidade, referindo-se a ela como uma "prisão" e retornaram para a região de origem e começaram tudo novamente. Para disso, trabalharam durante anos como diaristas e, então, compraram a terra em que hoje vivem.

Quando questiona-se sobre a rotina do trabalho diário, José revela gostar de trabalhar com o tabaco. A esposa, Ana, afirma que "[...] não é que eu não goste, eu sinto muita dor nas pernas, eu tenho problema nos braços, e aí eu não posso carregar mesmo a estufa, pra mim é ruim ajudar ele, né, eu gosto disso, de cuidar dos animais", ressalta a entrevista, Ana. O casal assume o desejo de mudar de cultivo e sonha em organizar um aviário, no intuito de aumentar a renda familiar. Afirmam que ainda não estão "buscando" programas e, por enquanto, pretendem aguardar as eleições. Também a entrevistada, Ana, revela não haver oportunidades para as mulheres: cursos, trabalho, enfim, segundo ela não há outra alternativa de renda ou lazer. Para a filha, Maria, seria ótimo se o tabaco não fosse mais parte da sua vida. Percebe-se, claramente, que, para as mulheres, a lavoura é uma opção indesejada.

Os entrevistados ressaltam que não buscam informação e falam sobre "acomodação". Ela (Ana) sorri e responde: sim, acomodação. E completa: "Às vez eu vejo na televisão aquelas velhas fazendo, estudando, se formando ... eu digo aí: e eu ainda me acho velha". A filha, Maria, como a mãe, estudou até completar o primário,

pois tem o compromisso de cuidar da casa e não tem como associar o colégio com o trabalho doméstico e a lavoura: “As vez sete, oito hora a gente tá na lavoura ainda. A hora que começa a escola e seis hora por aí, é seis hora por aí, a gente tá na lavoura” (Maria). Um momento marcante destas histórias de vida foi quando, durante a segunda entrevista: nenhum dos membros da família lembrava a grafia do sobrenome de Ana. Afinal, quando se torna importante saber escrever seu nome? O que esta situação representa?

4. REFLEXÕES FINAIS: O QUE APRENDER COM AS HISTÓRIAS CONTADAS

Além das histórias de vida dos produtores, Foi preciso realizar um estudo paralelo sobre o histórico da cidade, incluindo o desenvolvimento dos meios de comunicação. Perceber em que sentido o contexto histórico da comunidade também influencia a vida dos produtores de tabaco.

Para defender esse fator, podemos tomar como base os estudos feitos por Silva et al. (2003) quando fazem o estudo de trajetórias de desenvolvimento local e da construção do espaço rural no Nordeste semiárido. O trabalho tinha como intuito, verificar em que medida a geração de modelos explicativos das transformações agrárias pode contribuir para antecipar as evoluções e subsidiar o planejamento de ações de desenvolvimento, mediante a capacidade de imaginar e de conceber novos futuros. Com esse foco, ao utilizarem a metodologia de estudo das trajetórias de desenvolvimento local, acabam por analisar as transformações das sociedades rurais através da identificação e da interpretação das mudanças técnicas, econômicas e sociais, uma vez que partem do princípio de que cada sociedade possui uma história própria, assim como uma lógica social, cultural e econômica específica que fazem com que existam mudanças nas práticas de produção. No presente estudo, estudar a história da região também possibilitou maior entendimento das mediações envolvidas a partir de uma contextualização histórica.

Podemos dizer que nas duas situações, algumas particularidades se assemelharam e outras, no entanto, se distanciaram, indicando que possivelmente as mediações envolvidas no processo foram as responsáveis pelas práticas diferenciadas.

No que se refere a cotidianidade familiar, foi possível perceber que as famílias apresentam diferentes graus de possibilidades e, dentre as questões relevantes, tem-se a educação, a forma e a intensidade da busca pela informação, o grau de relacionamento com o governo local e a estrutura financeira familiar. O medo da mudança habita todas as famílias em estudo. Entretanto, observa-se que é o conjunto das habilidades que possibilita a concretização da mudança. Percebe-se que no segundo caso o forte desejo de mudança não foi suficiente, pois variáveis como educação, informação e relações sociais influenciaram a caminhada da família. A “cotidianidade familiar”, a “temporalidade social” e a “competência cultural” são interdependentes. Também percebeu-se, em ambos os casos, uma não memória familiar. Localiza-se, também, nestes dois cenários, o desejo de viver no campo, mesmo que, em alguns casos, a precariedade da moradia, das possibilidades de mudança e de relações sociais também precárias e a falta de perspectiva apresentam-se como parte destes cotidianos. Foi no silêncio da “não grafia” e da falta de tempo observada, que se revela a necessidade de entender as mediações que perpassam estes cotidianos e as relações que permeiam suas tomadas de decisão para, então, pensar políticas públicas capazes de levar em conta estas diferentes faces do rural brasileiro. Atenta-se, aqui, para o fato de que as organizações, em particular as empresas, têm assumido papéis cada vez mais relevantes na construção da sociedade através das relações econômicas, políticas, sociais e/ou culturais que

materializam nas comunidades em que se inserem. De alguma forma, essas organizações procuram instituir-se como modelos a serem seguidos e, portanto, procuram orientar os padrões e valores a serem assumidos e respeitados pela população local, chegando, muitas vezes a disputar forças com o poder público. A diversificação, hoje, parece ser, ainda, é uma opção para alguns agricultores, aqueles capazes de assumir riscos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFUBRA. **Fumicultura Brasil**. Disponível em:<<http://www.afubra.com.br>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

CARON, P.; SABOURIN, E. (Ed.). Camponeses do Sertão: mutação das agriculturas familiares no Nordeste do Brasil. Brasília :**Embrapa Informação Tecnológica**; CIRAD, 2003.

DEBERT, G. G. Pressupostos sobre a reflexão antropológica sobre a velhice. **Textos Didáticos**, IFCH/UNICAMP, v.1, n.13, p. 7-30, Campinas, 1994.

FERREIRA, M. L. M. “**Folhando o passado**”: estudo antropológico sobre memória e identidade social na velhice. Porto Alegre, 1995. Dissertação de mestrado (Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GALINDO CÁCERES, J. História de Vida: guia técnica y reflexiva. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, Colima, v. 6, n. 18, p. 203-230, 1994.

GALINDO CÁCERES, J. **Sabor a tí: metodología qualitativa en investigación social**. México: Universidad Veracruzana, 1997.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARTIN-BARBERO. **De los medios a las mediaciones**: Comunicación, cultura y hegemonía. México, GG Mass Midia, 1993.

MARRÉ, J. L. História de vida e método biográfico. **Cadernos de Sociologia**, v.3, n.13, p.89-141, jan./jun. 1991.

RUDNICKI, C. P. S. **As relações de confiança no sistema integrado de produção do tabaco (SIPT) no Rio Ggrande do Sul/Brasil**. 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indivizível” ao “dizível” In: VON SIMSON, O. M. (org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-41.

SILVERSTONE, R. **Televisión y vida cotidiana**. Argentina: Amorrortu Editores, 1994.

Trabalho recebido em: 20/12/2012

Trabalho aprovado em: 14/03/2014